

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 13500 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS**

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 30 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

**A VEIRO**

**POLITICA INTERNACIONAL**

Já não ha só nuvens no horizonte politico da Europa. A tempestade rebenta e promete desencadear-se com furia.

E' possivel que esteja a terminar a guerra entre a França e a China. Mas não importa; nem por isso os ares deixarão de ficar turvos. O canhão trôa nas paragens do Afghanistan, onde os cadáveres juncam aos centos o campo da batalha, e as relações são muito frias entre a Austria e a Italia. Bem diz o ditado: — a questão é começar.

Pouco diremos do conflicto franco-china. O nosso coração republicano entristece-se com a politica desastrada que ultimamente se iniciou em França e que redundou um pouquinho em detrimento das instituições, por nenhuma culpa que ellas tenham. A culpa está precisamente nos vícios monarchicos, que infelizmente acompanham até a morte certos homens que se lançam nos braços da Republica. Por isso atilados são aquelles que affirmam que só ha verdadeiras Republicas quando os homens nascem republicanos. Pois se a educação é o primeiro elemento do progresso!

Sem rancores, sem azedumes, sem irritabilidades, temos de concordar forçosamente em que os ultimos governos francezes teem seguido as pisadas imperiaes na politica externa. Napoleão levou a França até Sédan; o sr. Ferry não sabemos aonde a levaria se não vivesse sob a pressão das instituições republicanas. Sim, a França só tem a agradecer ás suas instituições o não ter ido parar a grandissimos desastres, se por acaso já os evitou de todo. Se em lugar d'um paiz livre, com camaras livres, com povo independente, fosse um paiz debaixo do predomínio d'um senhor, com camaras acorrentadas á sorte de qualquer aventureiro, com o povo escravizado e bestializado, talvez percorresse n'este instante a

via tortuosa das campanhas infelizes. E eis quanto valem e quanto podem os principios! Bonaparte cahiu depois da França ter cahido; agora a França atirou um pontapé no ex-presidente do conselho, que bem se pôde denominar o *Napoleão da Republica*, e salvou-se, seguindo ávante o seu caminho.

Apregoa-se a resurreição da politica Ferry. Não nos fallem n'isso, que a França quer viver. Não, não resurge, porque todo o mundo está convicto do desaire porque acaba de passar a Republica latina. A paz depois de Lang-Song, a paz depois d'uma derrota, uma derrota que tanto ha de ferir o orgulho nacional, estando vivas as chagas de setenta, é um desaire para a França. Sem paz, o desaire permanece n'uma campanha mal dirigida, n'uma campanha hesitante, que não deveria existir depois de graves e severissimas lições. A desforra não apaga a sombra, encobre-a, mas uma desforra é um perigo, se não fór uma desgraça. E ahí está o dilemma fatal em que o sr. Ferry metteu uma nação, que era digna de ser mais bem dirigida!

Não, não resurge a politica d'este homem, porque ninguém em França ousa defendê-la. Está condemnada na consciencia de todos, incluindo a do proprio Ferry, que á ultima hora procurava a paz com precipitação. Quem a diz a resurgir, são os monarchicos que odeiam a Republica. Quem a defende, não é um democrata com certeza.

«Eu não venho aqui defender ninguém, dizia o ministro da guerra n'uma sessão do senado, porque todos erraram.»

Ahi fica a sentença de morte da politica de Ferry.

Quanto ao conflicto anglo-russo, parece que já principiou a ser resolvido pelas armas. Os russos invadiram o Afghanistan matando 500 dos soldados que lhe appareceram pela frente. Não é facil prever o resultado da guerra, mas a nós affigura-se-nos que souo a hora da justiça para a poderosa Grã-Bretanha. Bemvinda seja ella! Insubordinações na Irlanda, insubordinações no Canadá, guerra no Soldão, guerra com a Russia? E' muito. Se á Inglaterra já lhe

havia de custar immenso a poder com a Russia, é impossivel que possa com a Russia, com a Irlanda, com o Soldão, com o Canadá, com muitas outras das suas colonias onde existem fermentos de revolta. Sim, se a guerra com a Russia fór um facto, souo para a Inglaterra a hora da justiça.

Nunca houve justiça tão apeteçada e desejada!

A Inglaterra é muitissimo sympathica como o paiz tradicional da liberdade. Mas tornou-se repugnante, como repugnante se queria tornar a França, com a sua politica externa.

Ninguém as faça que as não pague.

**O SR. FERRY CHOROU?**

Os nossos republicanos sentimentalistas ainda não encontraram um unico argumento para attenuar o effeito desgraçado da queda do ministerio francez. Não fazem senão dizer que o sr. Ferry chorou, chorou, chorou!!!... Que diabo, senhores, salvem ao menos a honra da familia republicana com algumas phrases de valor!

Que chorou, e que as ultimas noticias demonstram que o desastre do exercito francez na China não foi tão grande como a principio se dizia! Pois deixem-no chorar e chorem os senhores tambem, que a lagrima é livre. Mas lá com a demonstração das ultimas noticias, mais devagar.

As ultimas noticias, em lugar de attenuar, vieram confirmar a gravidade da situação do exercito republicano na China. Uma derrota não é o peor; todos os exercitos em campanha, como muito disse no Senado o ministro da guerra, teem alternativas de victorias e derrotas. O peor de tudo, o que é verdadeiramente grave, é o enfraquecimento da força moral, a falta d'unidade no commando, a falta de harmonia nos planos. E tudo isso existe infelizmente no corpo expedicionario da França! Pois o que quer dizer o despacho precipitado de um general tão distincto como o general Lisle, senão que o seu

espírito estava debaixo de apprehensões terriveis antes do combate, deixando-se invadir pelo panico ás primeiras noticias desagradaveis que previa? O que quer dizer a retirada precipitada do coronel Herbinge, um militar com boas tradições no seu nome, senão, que lhe fugia a força moral, que é o primeiro elemento de coragem do soldado na guerra? O que quer dizer o processo intentado a este coronel, senão que a força moral está fugindo a toda a expedição? Ai de um exercito quando se quebra a unidade de commando por factos de que todos teem a culpa e em que nenhum é culpado!

E que situação tão triste a de um general em chefe, que vê as suas forças comprometidas em toda a parte, sem ter um unico soldado de reforço para lhe enviar! Assim succedia em 1870. Sempre a politica napoleonica! Quando será a França republicana?

Mas era de prever tudo isto por muitos motivos. Um d'elles é a dissidencia completa em que o sr. Ferry esteve sempre com todos os militares illustres. O general Thibaudin, o unico ministro da guerra republicano que tem tido até hoje a Republica franceza, foi expulso do ministerio por não concordar com o presidente do conselho na guerra do Tonkin. O general Millot, um general intelligente como poucos, deixou o commando da expedição por que o sr. Ferry não concordava com elle no plano das operações. O general Campenon deixou de ser ministro da guerra porque o sr. Ferry não concordava com elle na direcção da guerra da China. O almirante Peyron, ministro da marinha, achou-se igualmente em desacordo com o sr. Ferry por causa da guerra da China. Todos os militares, de todas as cathedras, de todos os partidos, entendiam que o negocio ia mal. Só o *paysano* Ferry entendia que ia bem, muito bem, muitissimo bem, ás mil maravilhas!

E ainda dizem que a camara não deve processar o ministerio Ferry?

Outra prova cathorica do desastre da França está precisamente no actual estado de cou-

ras. Toda a gente em França pede a paz, toda a gente em França reclama uma politica de conciliação. A paz, a conciliação? Mas o sr. Ferry queria a guerra, a guerra, só a guerra. Pôde haver maior condemnação da politica opportunistica?

Já se affirma até que a paz foi assignada entre os dois belligerantes. A paz depois da derrota de Lang-Song? E' uma humilhação para aquelle paiz tão sedento de glorias e desforras! Esse, a dar-se, é para nós o peor resultado da desgraçadissima politica de Ferry.

E' certo que não ha nada a temer pela existencia da Republica e que são tolos e pueris os receios que para ahí se levantaram. E' certo que a camara se deixou apossar d'um panico injustificavel nos primeiros instantes. Mas é certo tambem que a politica de Ferry deve ser votada a um ostracismo eterno e que o parlamento andou muito bem em correr a pontapé o ex-ministerio francez.

**OS DESASTRES DA FRANÇA**

Quando um redactor do *Seculo*, que tem sido tambem redactor d'este jornal, levantava bem alto n'aquelle periodico a verdadeira politica republicana, o *Povo de Aveiro* declarou que apoiava plenamente as asserções do referido jornalista sobre a conducta do sr. Ferry e do ministerio a que elle presidia. Como o *Povo de Aveiro* se orgulha de ser coherente até á ultima, de não dizer hoje uma cousa e amanhã outra, no que precisamente se distingue do *Seculo*, que ainda no domingo atacava o sr. Ferry em artigo de fundo e o defendia na secção estrangeira, é com o maximo prazer que extrainos do mesmo jornal as arrojadas affirmações que se seguem, feitas ha mais d'um anno no meio da indignação dos nossos republicanos. Feitas ha mais d'um anno, mas que parecem todavia feitas ha tres semanas, tanto a realidade as veio confirmar!!

«... Por conseguinte, a guerra já está declarada com este rom-

**FOLHETIM**

**NO LIVRO D'UM EXILADO**

I

**SOU EXTRANHO AO QUE ELLES FAZEM**

Não me admiro de os antigos soffrem com tanto custo o exilio a que os votavam os Imperadores. Sentiam-se feridos por um homem só, por um Cesar; esse homem de menos no mundo e encontrariam de novo a patria inteira. Mas quando é um povo todo que cabe na injustiça por ignorancia ou fraqueza, bem vindo seja o exilio, porque sequer ao menos ficamos livres da complicitade em actos de torpeza. Que consolação, no meio dos aborrecimentos do desterro, que alegria tão suave poderemos exclamar:

mar: — Louvado seja Deus, que sou extranho ao que elles fazem!

Julgo que foi esse sentimento que alimentou tantos homens exilados nas Republicas antigas e modernas. Mostraram incomparavelmente maior força moral contra um povo do que aquelles que foram perseguidos por um homem. D'um lado a linguagem altiva de Thucydides ou de Dante, do outro as «Tristes» de Ovidio no tempo de Augusto, as de Madame de Stael no tempo de Bonaparte.

A injustiça exercida em nome d'um só irrita, em quanto que a que se exerce em nome de todos apenas inspira compaixão. Pôde-se sentir odio por um despota; só se pôde ter dó da multidão estúpida e cega. Que prazer teria eu em vergastar o Oceano? O tempo d'esse prazer de Xerxes já lá vae.

II

**BEMDITO SEJA O EXILIO!**

Bemdito seja o exilio! Quem me da-

ria a conhecer os seus beneficios, se eu os não houvesse experimentado?

Pondo-me fóra das leis de protecção feitas para todos, ensina-me a procurar apoio onde o homem me não pôde alcançar.

Tratando-me como a folha cahida que o vento leva adeante de si, sem que nenhuma terra semeada a queira receber, ensina-me a crear raizes no solo que a tempestade não ousa bater.

Recusando-me abrigo, tecto e lar, ensina-me a construir ao longe a morada da minha alma.

Pozeram-me fóra da especie humana. Oh, como eu accetto alegremente o desterro! Se eu obedecesse só ao meu gosto particular, faria votos para que elle continuasse até á morte.

Os homens libertaram-me, repellindo-me das relações humanas. Era escravo dos seus caprichos; dependia do seu humor; fazia parte das suas distracções.

Abençoados sejam elles, que cortaram na minha vida tudo o que era artificial, restituindo-me á liberdade primitiva. Quebraram-se os fios da meada que

a conversação, o preconceito e a moda haviam tecido em volta de mim.

Eu passava as horas com elles n'um frivolo commercio, em que era posta de parte a nossa alma. Seguia de cabeça baixa as suas crenças, as suas illusões! Livraram-me de tudo isso n'um instante. Conduziram-me á força ao que ha de melhor em mim mesmo! Desappareceram as falsas amizades; as mascaras cahiram. Só ficou a rocha nua!

Oh! abençoados sejam elles! Fizeram da minha vida uma ilha separada das suas iniquidades; cavaram em volta de mim um abysmo invencivel.

Mal ouço a sua voz. Encheram de guardas as bordas d'este abysmo. Pozeram alli um exercito inteiro, não reparando que cada uma das suas precauções só me assegura contra elles! Que construam uma muralha d'aco, para que os seus vis pensamentos não me rocem!

Fizeram da minha vida uma ilha sagrada, onde nunca abordarão as dôres fementidas, as enganadoras esperanças, as amizades d'um dia, as saudades eter-

nas! Em volta da barca encailhada brinca um rebanho de cysnes vindo das margens da Eternidade.

Oh alma adorada, tambem tu entrarás na patria perdida quando egualares a alvura dos cysnes!

III

**AS MINHAS ALEGRIAS**

Agrada-me não ver o que elles fazem, não ouvir o que elles dizem.

A minha alegria é não ver a minha terra natal manchada pelo prejuizo, nem as flores vermelhas do sangue vertido pelos homicidas.

A minha alegria é não ver o sorriso imbecil da multidão deante do seu senhor, nem meus irmãos a curvarem-se deante d'aquelles que os chicoteam como a um rebanho de carneiros.

A minha alegria é não ver um povo novo a rastejar como uma serpente aos pés do caçador.

A minha alegria é não ver a grande

pimento subito de hostilidades, o que é mau para a França. E se os chins continuarem a bater-se tão bem como se bateram n'esta primeira escaramuça, a França ha de ter mais trabalho em os derrotar do que o sr. Ferry julga.»

(Seculo de 29 de novembro de 1883.)

«A guerra! a guerra! exclamam os jornaes radicaes a proposito da ultima votação da camara. A guerra está, de facto, cada vez mais imminente. E' possível que a diplomacia consiga ainda evita-la, mas por ora tudo indica que a questão do Tonkin vai ser resolvida pelas armas.

O governo tem os creditos pedidos, e, o que é mais, tem a confiança illimitada e absoluta dos representantes do povo, que assim lh'o manifestaram ha dias. A votação dos creditos seria o menos, porque uma vez que as tropas francezas chegaram ao extremo a que chegaram, não podem recuar. O mais grave, o mais importante, é o voto de confiança que a camara concedeu ao **ministerio aventureiro do sr. Ferry.**

As circumstancias em que foi votada a moção de confiança abona pouco a independencia da maioria parlamentar. Todos os deputados da maioria que usaram da palavra, foram unanimes em stygmatisar a conducta do governo na **desgraçada questão do Tonkin.**

Nem um só deixou de lhe notar abertamente os **erros, a inepcia, a imprudencia sem nome** de que tem dado provas até hoje, mas foram ao mesmo tempo declarando que agora não havia remedio senão sustenta-lo.

Theorias esplendidas! Um ministerio faz tollice chapada na direcção dos negocios publicos, mas por isso mesmo que a faz é que deve supportar-se. Ora nós entendemos que por isso mesmo que um ministerio se mostra inhabil no desempenho das suas funcções, é que deve ser posto no andar da rua para que não comprometta mais o paiz com novas tollices e para lição e incitamento dos seus successores. Porem a maioria da camara francesa entendeu o contrario, e **estimaremos que d'esta vez entendesse bem.**

(Seculo, 15 de dezembro de 1883.)

«A situação é a mesma. O descontentamento com a marcha politica do gabinete alastra-se por todo o paiz. Entretanto o governo conta por ora com maioria na camara. Uma maioria excepcional que o descompõe e apoia ao mesmo tempo! Quasi todos os deputados de varios grupos, á parte os da *cotterie* Ferry, porque todos os homens importantes, e até os imbecis que se julgam importantes, tem uma *cotterie* servil de ineptos ou interesseiros que os compromettem, apreciam duramente o gabinete actual.

Na extrema esquerda, na esquerda radical, no centro esquerdo e até na União republicana ha muito quem julgue deploravel o

modo como tem sido dirigida a questão colonial. O sr. Ribôt, homem de grande autoridade e talento, republicano dos mais moderados, ainda n'outro dia deixou o ministerio a escorrer sangue n'um discurso fulminante, sem deixar contudo de declarar que não havia agora outro remedio senão sustenta-lo. O sr. Léon Renault, amigo dilecto dos ministros, recommendou á camara, no penultimo relatorio da commissão encarregada d'examinar os pedidos de creditos, que votasse esses creditos não deixando todavia de afirmar que o governo se metteu imprudentemente a questão do Tonkin. O sr. Turquet, oportunista, segue a mesma conducta. O sr. Devés, ex-ministro da justiça, estadista tambem de muita autoridade e talento, acaba de dizer, sempre com a prevençao de que se não deve derribar o governo, a um dos redactores do *Gil Blas*, periodico affecto á gente que está no poder:

«Eu não sou d'aquelles que dizem que o ministerio não tem commettido faltas. Eu censuro o ministerio Ferry, que não depositou confiança na camara, que não disse a verdade inteira ao parlamento. **A situação, hoje é ameaçadora**, mas conveni não a exagerar; é preciso sobretudo aceita-la e attaca-la francamente.»

Porem a opinião mais grave é a do proprio general Camponon, ministro da guerra, que declara **não accitar a responsabilidade da expedição.**

(Seculo, 22 de dezembro de 1883.)

«A bandeira francesa fluctua já nos fortes de Son-Tay. E' uma victoria que deixou mal parados os amigos do ministerio, que apregoavam com então a covardia dos chins, quando o almirante Courbet é o primeiro a reconhecer a *rara intrepidez* com que elles lhe resistiram, intrepidez que poz fóra do combate um numero subido de soldados francezes. **A validade nacional franceza deve estar satisfeita com esta victoria, e por isso hoje mais do que nunca é occasião de firmar a paz.** Parecenos que ainda é tempo, porque a China já desistia á ultima hora, antes do combate, da praça de Son-Tay. **O sr. Ferry deve aproveitar-se da victoria para estabelecer uma paz vantajosa para a França e retirar com honra. Que não exija tudo, porque quem tudo quer, tudo perde.**

Sempre dissémos que o triumpho caberia aos francezes em todos os recontros com os chins, mas o peor é que só terão vencido a China ao cabo de desenas de batalhas, n'um praso longo, com enormes perdas de homens e dinheiro, o que será um abalo violentissimo para a França nas circumstancias actuaes.

O sr. Ferry tem hoje dois caminhos a seguir: — **ou obter uma paz vantajosa, aproveitando-se do recelo que se deve ter appoado da China com a perda de Son-Tay e dos bons desejos da Ingla-**

**terra, ou precipitar-se energeticamente sobre o inimigo para acabar a lueta no menor praso possível.**

Será preferivel talvez o primeiro expediente, se a paz é possível, com honra para a grande Republica, como julgamos. O ministerio deve estar convencido de que os chins não se levam com quatro pontapés como se apregoava com erro. São mais fracos do que os soldados europeus, mas tem provado n'esta lueta do Tonkin e agora em Son-Tay que se sabem bater.»

(Seculo, 27 de dezembro de 1883.)

Basta. Muitas outras affirmacões curiosas, n'este sentido, não só sobre a guerra da China e Tonkin, como sobre a politica geral da Republica e do ministerio Ferry, se encontram no *Seculo* d'aquelles tempos. Curiosas, tanto mais quanto maior é o espaço que medeia entre a epocha em que foram feitas e o desenlace dos acontecimentos. Curiosas, por que foram realisaveis em todos os seus pontos. Mas basta. Para provar a imbecilidade dos que se irritaram com quem sabia apreciar friamente os factos, não é preciso mais do que isso que aqui fica. Que imbecis! Ou se não são imbecis, não sabemos o que seja a imbecilidade n'este mundo.

## CARTAS

Lisboa, 10 de abril.

Até hontem, os acontecimentos francezes eram o assumpto exclusivo do dia. E' geral a condemnacão da politica Ferry. Acorram tarde, mas é sempre assim. Ha quinze dias, quem condemnasse a politica Ferry era corrido. Então o sr. Ferry era um grande homem! Hoje o sr. Ferry é simplesmente um aventureiro! Ai, a opinião, a opinião! E' muito estúpida, em geral.

O *Seculo*, que ficou com cara d'asno a olhar para tudo isto, deu em cantar ladainhas a Santo Ferry Martyr. Chega a incommodar, pela inepcia, os proprios que não gostavam de Ferry. Saibam ao menos sahir-se com habilidade do erro em que cahiram! E' demais. Até o autor do *Microbio*, que não é politico, está em politica muito acima dos redactores do *Seculo*. Porque lá diz elle na sua revista do anno, e ha muito tempo, que a *França ia á China buscar lá mas que viria tosquidada*. Porque não vão os redactores do *Seculo* aprender politica ao *Microbio*?

Nem todos os redactores, valha a verdade. O sr. Martel, que de vez em quando dava a sua picada em Ferry, atacou-o no domingo. Porem logo adeante vinha a ladainha a Santo Ferry Martyr. E no cabeçalho, em grandes letras, vem o nome do director do *Seculo*! São uns grandes ratões, no fim de contas. Quem quizer saber o que é o partido republicano leia o *Seculo* todos os dias. Como é o jornal mais lido do par-

tido, podemo-lo tomar como o verdadeiro espelho do mesmo partido! Pobre partido! Dá-se um conto de reis a quem achar a coherencia do *Seculo*.

—Hoje os acontecimentos francezes deixaram o campo ás noticias da guerra anglo-russa, que se diz ter rebentado. Os russos invadiram o Afghanistan matando 500 homens d'este paiz. Vae ser uma guerra de grandissimo interesse. Mas a Inglaterra provavelmente leva para baixo. Seja pelo amor do que ella nos tem roubado.

—Está outra vez o cholera em Hespanha. Outra vez é um modo de dizer, porque ou elle nunca lá esteve ou então nunca de lá sahiu desde o verão passado. Aquelle cholera hespanhol é um mytho! Se lá está na verdade, podémos mobilar com luxo a nossa sala de visitas para o receber condignamente. Não tarda ahi, o figurão.

—Ante-hontem e hontem os *desarranjos* da casa real occuparam as sessões da camara dos deputados. Tudo a cair!

—Os novos fardamentos do exercito ainda não dão signal de si. Os officiaes andam verdadeiramente indignados com a tal commissão dos uniformes.

Ha individuo que já traz a camisa a luzir nos cotovellos! E' uma pouca vergonha sem nome. Ha seis mezes que ninguem faz fardamentos, á espera dos novos. Mas como ha seis mezes haveria muitos que tinham a farda no fio, façam edêa do estado em que ella estará hoje. No dia 29 ha recepção no Paço. Pode-se-lhe chamar a recepção dos rôtos! Hão de lá ir cousas bonitas. E a imprensa sem dar uma sova mestra nos sabios da commissão.

Y.

## PARA RIR

O sr. Jayme de Magalhães Lima, que ha de ser um dia deputado por Aveiro, tem-nos feito rir deveras com um artigo que publicou sob o titulo de *Apprehensões*. Tem-nos faltado o espaço para pôr em relevo o referido artigo e ainda hoje somos obrigados a limitarmo-nos o mais possível. Que pena não temos ás vezes do nosso jornal não ser do tamanho do *Campeão das Provincias*!

«As revoluções são mais um symptoma de desordem e anarchia, de fome e falta de principios moraes que se imponham e governem, que garantam a ordem, a obediencia á lei e dêem unidade ao corpo da nação, do que um lenitivo á miseria, um remedio aos soffrimentos da sociedade.

As revoluções não são portanto só estereis; são o mais das vezes prejudiciaes.»

E' celebre! As revoluções podem ser susceptiveis de discussão; mas ainda até hoje ninguem se lembrou de as accusar de estereis. Lembrou-se o sr. Jayme de Magalhães Lima, que quer ser deputado por Aveiro. Esteril a grande revolução franceza! Esteril a

mais pallida do que as outras. Reconhecia-a logo e disse-lhe: Tambem tu, tambem tu esqueceste a minha lingua, tambem tu me não conheces?

Respondeu-me a chorar: — Sim, eu conheço-te. Sei quem tu és. Conheço tambem a justiça, a esperanca, o futuro. Mas eu... eu, morri.

V

### PARTIDA D'UM PROSCRIPTO

Vou ver o teu paiz, exilado. Quem queres que saude da tua parte?

—Saudarás as pedras de dois tumulos.

—A quem queres que leve os gritos do teu coração dilacerado?

—Leva, se queres, uma palavra de saudade ou adeus ás bellas estatuas de marmore, ás immortaes de que me não pude despedir.

—A quaes?

—A' Venus de Milo, á Diana caçadora, a S. João de Leonardo, á Virgem de

revolução hespanhola de 68! Esteril a nossa revolução liberal! Estereis todas as revoluções que em nome da liberdade se teem feito no mundo! Só da cabeça d'um futuro deputado por Aveiro!

«As revoluções, diz o sr. Jayme, aggravam o problema social.» Tambem não é má. Até aqui julgava-se que o despotismo, com todos os privilegios e parasitismos que lhe são adherentes, é que era a causa principal do rebaixamento da nossa especie. E' contra o *privilegio* que se prepara no mundo a revolta social. Contra o privilegio do Estado, contra o privilegio dos patrões, contra o privilegio das classes parasitas a que pertence o sr. Jayme. Mas as revoluções tendem sempre á destruição de qualquer privilegio. Logo as revoluções agravam o problema social!!!

«Antes da revolução franceza, as corporações eram pequenos feudalismos em que reinavam os mestres. Cada um dos mestres era um pequeno barão; aos seus olhos o operario não era mais do que um servo.

O mestre exercia o mais absoluto despotismo. Não era aprendiz quem queria. A fabrica de Lyon exigia certas condições de nascimento. O homem casado não podia entrar em nenhuma profissão. Em todos os officios, a exploração do aprendiz era levada aos ultimos extremos.»

Attenda n'estas palavras d'um homem eminente em questões sociais, sr. Lima, e vá comprehendendo que as revoluções são sempre um passo mais ou menos vagaroso na resolução do problema social. O que diria o illustre Mousinho da Silveira, elle que tão grandes medidas sociais decretou em nome da revolução, se na immortalidade sonhasse que a liberdade que sahiu da revolução é condemnada por um homem que em nome da liberdade quer ir ao parlamento?

Mas o sr. Jayme continua com edêas luminosas. Extasia-se perante o *socialista* Bismarck! Ora quem estuda, sabe que Bismarck é um esteio poderoso do *socialismo do Estado*, que é a completa negação da liberdade. Bismarck com Eichhorn, Grimm, Held e outros pertencem á escola allemã fatalista, repudiada por todos os economistas de talento; é d'esses *Catheder-Socialisten*, que só admittem o autoritarismo e nada mais.

E para se conhecer o *socialismo* do sr. Bismarck basta só attentar na perseguição que elle move aos chamados *socialistas* allemães que dispõem de importantissimos elementos de força!

Vámo-nos estendendo muito n'uma secção para rir. Se tivermos vagar mostraremos ao publico n'outra occasião que o futuro deputado por Aveiro, que passa por sabio para muitos, não sabe nada de questões sociais. Nem ao menos sabe aproveitar o que ha de bom no sr. Oliveira Martins, que parece seguir ás escuras.

\*

Uma noticia d'um jornal constituinte:

Raphael e aos convivas de Veroneso. Diz-lhe que o meu olhar se volta muitas vezes para ellas, que as procuro e chamo. Hão de acolher a tua mensagem, porque sabem que as adorei e que muitas vezes me aqueci ao seu sol. Diz-lhe tambem que sinto o mal do paiz mas só quando penso na região da belleza que habitam e a que tanto aspiro. Falla-lhe do meu culto. A pedra te ouvirá e a tela respirará com o teu sopro.

—Não queres mais nada?

—Diz-lhe ainda que as vejo embellezar-se de dia para dia, em quanto a multidão escrava se lhe roja feia aos pés, seguida d'uma posteridade ainda mais rastejante e disforme.

—E que queres que diga aos homens?

—Aos homens nada. Os homens são surdos.

EDGAR QUINET.

nação que amei a prostituir-se sob arcos de triumpho.

A minha alegria é não ouvir as gargalhadas e as canções dos populares aos cantos das ruas em quanto arrastam seus filhos manietados ao deserto d'onde nunca mais voltarão.

A minha alegria é não ouvir um povo de sophistas demonstrar ao mundo zombando que a infamia é a gloria, a servidão a liberdade, o veneno o remedio.

A minha alegria é não ver meus irmãos vender a especie humana por menos de trinta de dinheiros.

A minha alegria é nunca mais tornar a ouvir essa lingua que amei, por que fizeram d'ella um assobio de reptil nas ruinas da justiça.

IV

### UMA GRANDE NAÇÃO

Aproximei-me da fronteira e escutei. A nação que estava do outro lado

fazia menos bulha do que um rio sem agua ou um deserto açoitado pelo vento da morte.

Então gritei:—A terra enguliu Sodoma? Morreram os que eu conheci tão cheios de vida? Abafaria os seus espiritos algum vento fatal? São de gelo como os outros aquelles que me amaram? Ninguem me respondeu!

Mas detendo a vista no que primeiro me parecia o leito d'um mar deserto, acabei por ver uma multidão de homens acorados, que não sabia se estavam vivos ou mortos, tão grande era o silencio que pesava sobre elles.

E perguntei-lhes:— Ainda sois do numero dos vivos, vós que pareceis gelados por um frio eterno? Ou sois os restos d'um povo que perdeu o nome?

Riam-se n'um ruido semelhante aos das folhas seccas que o viandante pisa. E só por isso reconheci que viviam!

Tornei-lhes a perguntar:— Já não ha justiça, cêo, futuro, amor e esperanca?

E ouvi-os a dizer uns para os outros, sem me olharem porque tinham o

pescoco inteiriço pela colleira dos escravos:

Quem é aquelle estrangeiro? Que lingua falla elle? Não comprehendemos nem uma das palavras de que se serve.

Repliquei, estendendo os braços para elles:— Não reconheceis o que nasceu na vossa terra? Hoje, a unica consolacão que me resta é ouvir esta lingua que era vossa. Eis porque fiquei aqui pertinno, para colher algum som da lingua que me acalentou. São seculos que me separam de vós? Mudaram as cousas de nome? Ha pouco vi-vos rir, quando vos fallei em liberdade.

A esta palavra estremeceram-lhes as orelhas, ou porque a não podessem tolerar, ou porque lhes recordasse um crime, ou porque lhe fosse odiosa ou porque temessem que qualquer guarda os surprehendesse a escutar, e cahiram na insensibilidade. Pareciam rochas soltas. Dir-se-hia um d'esses campos desertos em que nossos antepassados semearam pedras soltas que alvejam de noute.

Entretanto ficou de pé uma figura,

«Estão doentes dois filhos do nosso presado amigo Pinto Basto. Tenha s. ex.<sup>a</sup> a bondade de lhes dizer da minha parte que na primavera não é bonito adoecerem as creanças.»

Tem razão. Na primavera é costume deixar andar, á solta as creanças e... os tolos. Perdão, e os poetas d'agua doce!

Outra noticia do mesmo jornal:

«O congresso hespanhol em sessão de 19 de março, votou uma pensão nacional equivalente á reforma do cargo de ministro ao grande poeta D. José Zorrilla. A proposta fôra apresentada por deputados de todos os partidos. Não houve discussão, e a imprensa felicitou o poeta.

Mas então os hespanhoes votam meios ao chefe rebelde do partido republicano?

E' que Zorrilla antes de ser politico é uma das glorias das Hespanhas.»

Não ha que admirar. Na primavera andam os tolos á solta. Perdão... os poetas d'agua doce. Mas o D. José Zorrilla, que é realmente um grande poeta, um primoroso estylista, que os homens do papel constituinte nem de nome conhecem, é que não pôde ir na enchurrada.

Saiba-se, pois, que D. José Zorrilla, a quem o parlamento hespanhol votou uma pensão, é um grande poeta e nada mais. Saiba-se que o chefe rebelde dos republicanos é **D. Manuel Ruiz Zorrilla**. Saiba-se por ultimo que são ambos duas glorias de Hespanha, mas que o ultimo tem escripto tantas poesias como o auctor d'estas linhas.

## COMMUNICADO

Sr. redactor:

Tendo-nos constado que no conceituado jornal de v. tinha sido inserto um comunicado em que nos são attribuidas responsabilidades, que por forma alguma nos cabem, como thesoureiros, que fomos da Associação Philantropica dos estudantes d'Aveiro, cumpre-nos declarar, para que ao publico conste, que, como saldo de contas da mesma Associação, havia um credito de dinheiro em caixa e um deposito na Caixa Economica d'essa cidade; o primeiro signatario d'esta declaração entregou em abril de 1883 ao segundo signatario a quantia existente na caixa; por seu turno o segundo signatario entregou em 1884 ao sr. José Augusto da Rocha, ao tempo membro da commissão executiva, o saldo de contas que existia em dinheiro; e finalmente o primeiro signatario transmittiu directamente ao sr. Francisco Rodrigues da Silva Pinto, presidente da referida commissão executiva, uma procuração para por elle ser recebida a quantia em deposito na Caixa Economica.

E' obvio, portanto, que é ocioso pedir-nos responsabilidades de quantias que, como se vê, foram alienadas segundo a prescripção do estatuto em favor da commissão executiva que succedeu áquella de que faziamos parte.

Temos a honra de ser

De v. etc.

Porto, C.C. de v., 56, Rua da Esperança e 88, Rua Chã, em 9 de abril de 1885.

Ricardo Maria Noqueira Souto.  
Manuel José Pinhal.

## NOTICIARIO

Por falta de espaço não publicamos este numero alguns escriptos que temos em nosso poder, e entre elles uma carta do nosso correspondente em Chaves, pelo que pedimos desculpa.

São pouco satisfatorias as noticias que nos chegam do reino visinho a respeito da cholera que grassa com bastante intensidade em Jativa, havendo muitos casos fataes.

Temos visto que as auctoridades ligam pouca importancia ao desenvolvimento da molestia, por assim dizer, a dois passos de nós. Pois olhem que o perigo é agora

muito mais para temer, attenta a proximidade das estações quentes. N'uma indolencia de bohemio n'este viver patriarchal, vegetamos a custo. Quando o risco está eminente é que na mais imbecil attitude voltámos a cabeça para ver quem vem lá. Excepcional organização.

Deixemo-nos de temores pueris, se as nossas apreensões os podem excitar. Previnamo-nos de fórma que o contagio, a ter de invadir Portugal, não encontre entre nós onde germine. A insalubridade, a falta de accio é um excellento atractivo do cholera. E Aveiro está intercalado de focos de miasmas, que alem de viciarem a atmosfera, dão um vergonhoso testemunho do nosso adiantamento. Está ahí esse campo de Santos Martyres, dentro da cidade, a servir de deposito de monturos, e os transeuntes que passem pela margem esquerda da ria encontram pela frente esse *esplendido panorama*.

E' bonito e hygienico, e ás vezes espalha no ar um aroma, que é de morrer, como se diz cá pela terra dos ovos molles.

Convidámos os nossos dirigen-tes locais a submeterem os seus respeitabilissimos orgãos nazaes e visuaes á prova do que deixámos exposto.

Segundo nos informam, houve na feira de Março um roubo de 10 libras feito n'uma casa de pasto que pertencia a um nosso amigo.

A pessôa sobre quem recadem suspeitas, acha-se preza, e tendolhe sido dado busca ao domicilio não fôra encontrado nada.

A justiça continua em investigações.

Tornemos ao tristissimo assassinato de Joaquim Nunes.

Dizendo alguém ha dias que as auctoridades de Sever tinham injustamente sido accusadas, pois que o criminoso regedor de Rocas já estava preso—respondeu o sr. administrador que a «taes cavalgadas e jumentos não respondia, que eram capazes de fazer o mesmo.» Não entendemos bem porque não estamos acostumados a esta linguagem; mas parece-nos sem grande esforço de hermeneutica—uma confissão implicita mas clara da culpabilidade da auctoridade, que de resto está na consciencia de todos.

Se isto vai subscriptado a algum progressista, elle que lhe agradeça.

Parece effectivamente que o assassino foi preso em Nellas quando serrotava palha n'uma cocheira do sr. commendador Antonio Martins Henriques, presidente da camara de Sever, onde se tem esperado por elle com o mesmo resultado da vinda de D. Sebastião. Escapou-se aos cabos na freguezia de Queirã.

Em Sever acham-se 6 praças do 14 de infantaria para o acompanhar a Oliveira d'Azemeis.

Sempre nos pareceu que o desgraçado administrador não varreria a sua testada. Sempre nos pareceu que a patifaria continuaria. Consta que o sr. administrador d'Agueda iria hontem a Sever syndicar dos actos do seu collega.

Fallaremos, que ha muito quê.

São summamente aprehensivas as noticias do archipelago açoriano a respeito da corrente de emigrantes para a America do Norte.

A febre da emigração é cada vez mais intensa nos Açores e toma espantoso incremento.

Algumas das ilhas ficarão em breve despovoadas, se a emigração proseguir como nos ultimos tempos. Agora, o rumo dos que abandonam a sua patria é para Boston.

E' uma calamidade a emigração, mas no presente é uma necessidade. Portugal, com quanto os optimistas o não admittam, caminha a passos largos para um aniquilamente mais ou menos ra-

dical segundo o periodo mais ou menos affastado em que deve precipitar-se um reviramento na nossa organização politica.

Desgraçadissimo é o symptoma da nossa existencia quando temos de ir procurar longe o sustento que a patria anemica já não pôde proporcionar-nos.

Que todos olhem para a nossa criticissima situação. A manhã será tarde para a remediar-mos.

Foram corridas e consideradas como prejudiciaes sendo immediatamente dispensadas do serviço, as irmãs hospitaleiras que estavam no hospital da Misericordia de Villa Nova de Famalicão.

Ignorámos o que deu origem áquella medida; mas deve ser grave, visto a maneira brusca por que foram despedidas.

Longe de nós uma insinuação malevola que possa deturpar as boas intenções d'aquellas boas almas que se dedicam com uma abnegação inexcedivel a acalmar as dores da humanidade, com o interesse só na bemaventurança.

Mas esta sociedade de pedreiros livres, maçonicos e toda essa b'charia não lhes deixa cumprir desassombadamente com os votos da sua alma, e as pobresinhas soffrem com resignação torturas... d'espírito cruéis.

Depois da noticia acima, um collega portuense traz-nos outra de sensação em que figuram as irmãs hospitaleiras d'um dos harens da cidade da Virgem. Como vem a proposito...

Um imprudente chefe de familia consentiu que suas duas filhas fossem educadas nas ditas casas. No domingo de Paschoa o pae quiz ter á sua meza as filhas, e para isso dirigiu-se ao recolhimento, onde lhe negaram a sahida das neofitas. Depois de energicas instancias, as filhas de Maria entregaram as creanças mas apenas cobertas d'uns miseros andrajos, poisque não quiseram dar-lhes a roupa decente que ellas haviam levado para dentro.

O pae leviano tentou readquirir os vestidos das filhas de uma fórma singular. Vesti-se de irmã de caridade, escanhouo cuidadosamente a cara, e eil-o a caminho do convento pela hora do meio dia. Entrou, com risco de algum encontro com o director espirital, e conseguiu... ser prezo e ir para esquadra.

Tableau!

Referem-nos d'Albergaria Velha que um *quidem*, que dois annos se não havia confessado, pretende mudar de vida entrando no gremio da igreja, e para isso procurou um padre para o confessar e cumprir com o preceito da desobriga. Com effeito, confessou-se, e recebeu a penitencia que o padre lhe impoz, á qual foi a seguinte:

«Resará v. tantas coroas, quantos forem os dias d'aqui até ao Natal (sommem os leitores os dias que decorrem de março até 25 de dezembro!) O penitente, que, longe d'imaginar um castigo tão severo, pelo contrario previa ter uma penitencia apenas rasoavel, para o obrigar ao dever disciplinario da desobriga, ficou a *suar*: prometeu ao padre satisfazer a penitencia para se sahir airosoamente d'aquelle acto, e evitar assim o grande peccado de escandallo, porem, apenas se viu livre d'elle, veio em publico diser, que tarde ou mal voltaria á igreja desobrigar-se, visto ter sido tão cruelmente penitenciado.

Simplemente comico.

Não resistimos a tentação de tirar do *Correio da Noite* um curioso repasto dado pela irmandade de Carnaxide aos padres que tomaram parte nas festas da semana santa. Foi um interregno carnavalesco no meio da unção religiosa:

Quinta feira— Ao almoço: peixe-espada, e azeitonas. Ao jantar: azeitonas e peixe-espada.

Sexta feira— Ao almoço: pei-

xe-espada, azeitonas e *mata frades* cosido. Ao jantar: *mata frades* cosido, azeitonas e peixe-espada.

Sabbado— Ao almoço: dois bifés de couro de boi para seis pessoas, o resto do peixe-espada e azeitonas. Ao jantar: caldo, carne sem sal cosida e carne salgada assada.

Domingo— A mesma coisa para variar, menos o peixe-espada e as azeitonas, que se tinham acabado.

Os padres, é escusado dizer... vieram contentissimos!

Uma nota mais comica ainda. Na quinta, sexta feira e domingo revestiu-se e figurou de subdiacono um sujeito que apenas tem ordens menores e por isso só devia servir de... menino do côro!

E na paixão figuraram de padres, barbeiros ou sapateiros, uns sujeitos, emfim, que não teem ordens nenhuma!

Um nosso amigo pede-nos a publicação do seguinte, que transcrevemos do *Manuelinho*, d'Evora:

Sr. redactor.— Tendo na qualidade de procurador do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Abel Martins Ferreira, conego da Sê de Evora, promovido os termos d'um processo de policia correccional contra o editor da «Semana de Loyola», venho rogar a v. a fineza de publicar no seu jornal a certidão junta, pelo que se confessa agradecido.

De v. etc.

J. Vaz C. Simões

Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira, proprietario encartado no segundo officio de escrivão de direito criminal, no terceiro districto da comarca de Lisboa, por sua magestade fidelissima que Deus guarde, etc.

Certifico que em meu poder e cartorio, se acham findos uns autos de policia correccional por crime de injuria propalada pela imprensa entre partes, auctor, Abel Martins Ferreira, e réu João Augusto Torres, e a folhas cento e quatorze dos mesmos autos se acha o termo de retractação do teor seguinte:

### TERMO DE RETRACTAÇÃO

Aos sete dias do mez de março de mil oito centos oitenta e cinco annos, em Lisboa e casa do expediente do juizo de direito do terceiro districto criminal, onde se achava o doutor Antonio Francisco Tavares, juiz de direito do juizo comigo escrivão, de, digo, ahí sendo presente João Augusto Ribeiro Guimarães, procurador encartado, conhecido em juizo, disse que em virtude dos poderes de que se acha revestido, e constam do instrumento de procuração, que antecede, e lhe foi feita para este fim, por Joaquim José Heliodoro Carreta, solteiro, de maior idade, otreiro, morador na rua do Marquez de Pombal, numero noventa e tres, freguezia de São Pedro da cidade de Evora, vinha a este juizo, como disse, retractar-se das injurias dirigidas ao excellentissimo e reverendissimo Abel Martins Ferreira, conego da Sê de Evora, e que foi governador d'aquelle arcebisado, no periodico que se publica n'esta cidade de Lisboa com a denominação de «Semana de Loyola» principalmente nos numeros vinte e um, vinte e quatro e vinte e cinco, em que o mesmo excellentissimo e reverendissimo conego foi grave e injustamente offendido e injuriado com imputações calumniosas, cuja responsabilidade o editor do referido jornal declinou sobre o seu constituinte, dito Joaquim José Heliodoro Carreta, que assignou os autographos, que por elle lhe foram apresentados, e procede assim para inteiro e cabal desaggravo do offendido, que foi ultrajado em sua honra nas correspondencias leviana e inconscientemente assignadas e publicadas no referido periodico; e bem assim se obriga ao pagamento das custas, que forem contadas, e á publicação d'esta retractação na gazeta ou gazetas, que pelo offendido forem designadas: de assim o dizer dou minha fé. E de tudo para assim constar mandou o juiz fazer este auto, digo este termo, que depois de lido e ratificado assignou com o declarante. E eu Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira o escrevi— Tavares, João Augusto Ribeiro Guimarães, Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira. E não contém mais o dito termo de retractação do que o que fica transcripto; e a folhas cento e dezenove dos mesmos autos se acha o termo de desistencia do seguinte:

### TERMO DE DESISTENCIA

Aos doze dias do mez de março de mil oito centos oitenta e cinco annos em Lisboa e meu escriptorio, sendo presente Joaquim Vaz da Costa Simões, solicitador encartado, disse que como procurador do autor o bacharel Abel Martins Ferreira desistia da acção crime intentada contra Joaquim José Heliodoro Carreta, visto ter-se este retractado das injurias dirigidas ao seu constituinte, e haver-se sujeitado ao pagamento das custas do processo e á publicação do termo depois de julgado na fórma de retractação. Para constar fiz este termo que, lido e ratificado, o desistente assi-

gnou. E eu Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira o escrevi.— Joaquim Vaz da Costa Simões— Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira. E não contém mais o dito termo de desistencia do que o que fica transcripto; e a folhas cento e dezenove verso se acha a sentença do teor seguinte:

### SENTENÇA

Julgo por sentença o termo de desistencia retro-custas na fórma do termo. Lisboa doze de março de mil oitocentos oitenta e cinco— Antonio Francisco Tavares. E não contém mais a dita sentença do que fica transcripto. E com o teor d'estas peças que me foram apontadas pelo requerente, Joaquim Vaz da Costa Simões, procurador do auctor, fiz passar a presente certidão, que vae sem coisa que duvida faça devidamente conferida. Lisboa 13, digo treze de março de mil oitocentos oitenta e cinco. E eu Hermenegildo Baptista Ferreira o subcrevo e assigno.

Hermenegildo Ernesto Baptista Ferreira.

Falla-se que sua magestade a sr.<sup>a</sup> D. Maria Pia irá viajar outra vez até á Italia.

E' fôra de duvida que o sr. D. Luiz vae levantar por emprestimo, 1000 contos do thesouro publico, para despezas imprevistas.

E' certo que as côrtes serão prorogadas até 16 do mez de maio proximo, isto é, as férias dos paes da patria vão custar ao paiz mais uns poucos de contos de reis.

Eis tres noticias distinctas, que vão redundar n'um verdadeiro flagello para o paiz que nada lucra.

Ahi vae outro facto para a chronica das mulheres antropophagas:

No Porto, uma tal Michaela Maria de Jesus, desavindo-se com um tal José Pereira, d'Avintes, pespegou-lhe um beijo de tal fórma suave que lhe arrancou um pedaço do labio superior.

Ai o diabo das mulheres!...

### CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Na freguezia de Ancede, concelho de Baião, vive uma mulher de mais de 50 annos de idade, que depois de lhe terem cahido os dentes, tornaram a nascer-lhe outros novos.

Parece-nos que voltámos aos felizes tempos dos milagres.

Um milagre!...

Falleceu ha dias no reino visinho um personagem, Garcia Hidalgo, cujo cadaver está chamando a attenção da sciencia.

A' data das ultimas noticias que temos de Hespanha, decorreram já deseseis dias sobre o insepulto cadaver que não apresenta signaes de decomposição, nem offerece os signaes caracteristicos da morte.

Collocaram-lhe entre as mãos um timbre electrico, e é vigiado continuamente. Muitos medicos, alguns enviados pelas auctoridades, o tem visitado, sendo unanimes em crer que o corpo de Garcia Hidalgo está morto, mas não lhe encontram os signaes d'esse estado.

O governador de Madrid mandou que se procedesse á autopsia do cadaver, mas a familia do finado mostra desejos de que se não verifique esta disposição, por que tem esperanças de que a morte seja apparente.

Os carolas hespanhoes andam contristados por o milagre se ter dado no corpo d'um secular. Que mina não perderam...

Se os de Sanfins cá apanhassem aquelle cadaver!...

O rei da Dinamarca provocou um grave conflicto pela sua attitudem na questão da dissolução arbitraria da camara electiva. O gabinete reaccionario, d'accordo com o soberano havia feito publicar um decreto autorisando o governo a cobrar as contribuições e impostos, sem que a camara popular houvesse approvado tal medida. Era portanto um acto despotico, anti-constitucional. A

corôa para evitar mais difficuldades, publicou outro decreto declarando terminada a legislatura.

A camara popular dirigiu um energico manifesto ao paiz, aconselhando-o a que não satisfaca os impostos que não estão auctorisados pelo parlamento, e lamentando que o rei conserve um gabinete contra a vontade manifesta do paiz, torna-o responsavel pelas consequencias que surjam entre a corôa e a nação.

A attitude, pois, da Dinamarca não é das mais lisongeiras.

A opinião publica em Londres principia a insurgir-se contra a guerra do Soudan. N'um dos dias da semana passada houve em Saint-Jame's Hall de Londres uma reunião muito concorrida para protestar contra as matanças e despesas da campanha do Soudan. Bradlanth, Saboucheré e outros deputados radicacs estavam presentes. A assembléa adoptou varias resoluções. Declarou que a invasão do Soudan moralmente não tem desculpa e que é preju-

dicial aos interesses inglezes; emprazou o governo a chamar immediatamente as tropas, e convillou os deputados liberaes e radicacs a recusarem os creditos que forem pedidos para continuarem as operações militares.

O governo otomano havia coteado os officiaes mortos na ultima campanha turco-russa, aos quaes devia uns poucos de mezes de soldo, promettendo satisfazer essas dividas ás respectivas viúvas. Como até agora não lhes tivessem pago, uma grande multidão d'ellas assaltou em Constantinopla o ministerio da fazenda, entrando allí á força, apesar da resistencia dos guardas. Veio um pelotão de agentes de policia, mas teve de retirar diante d'aquelle bando de megéras. O ministro pôde escapar, saltando por uma pequena janella, aproveitando-se para isso da confusão geral, e depois de ter feito aquellas mulheres toda a casta de promessas, para as acalmar.

Projecta-se em Italia um emprehendimento colossal. A sociedade de engenheiros de Veneza apresentou ao ministro das obras publicas d'aquelle paiz o projecto de um caminho de ferro submarino que ligue a Sicilia á Italia, entre Messina e Reggio.

Foi já nomeada uma commissão technica para estudar a proposta.

A patria das castanholas fantasiou outra tentativa de regicidio na pessoa de D. Affonso XII. Este teria os dias contados quando visitasse os templos na quinta feira maior. A Providencia mancomunada com o sr. Villaverde, governador de Madrid, interceptaram a acção dos assassinos. Villaverde, diz um ministerialissimo periodico hespanhol, prestou um importantissimo serviço á patria descobrindo a conjuração, e na tarde de quinta feira chovia torrencialmente em Madrid, impedindo que a corte saísse a passeio. Se o governador de Madrid por

fatalidade não conseguisse deter todos os regicidas, a chuva completaria a obra sonhada por Villaverde.

As pavorosas são a grande arma dos pequenos... reis. Obdecem ao temperamento dos estadistas monarchicos peninsulares. Os palhaços nem fazem rir já...

**BIBLIOGRAPHIA**

Recebemos e agradecemos o **Regulamento e Programma** para a exposição internacional de photographia, que se vae realizar do Palacio de Chrystal Portuense nos mezes de setembro e outubro do corrente anno.

**Revista de Medicina Dosimetrica.** Recebemos o 4.º numero do 6.º anno. Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

Recebemos o n.º 13 do magnifico jornal de modas hespanhol—**El Correo de la Moda.** Expiendidas e variadas gravuras. Assigna-se em Portugal, casa Henrique Thompson, Calçada da Estrella, 141 1.º—Lisboa.

Recebemos o fasciculo 21 das **Mulheres de Bronse**, esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos. Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

**A Inquisição, o Rei e o Novo Mundo.** — Recebemos o fasciculo 16 d'este romance. Assigna-se na rua d'Atalaya, 18—Lisboa.

**Typ. do «Povo de Aveiro»**  
Rua da Alfandega, n.º 7

**SECCÃO DE ANNUNCIOS**

**ELISIO FILINTO FEYO**

PARTICIPA aos seus amigos e fregueses, que abriu o seu novo estabelecimento de ourivezaria na rua d'Alfandega, onde tem um bonito sortimento de objectos de ouro e prata que vende por preços sem competidor.

**Officina e deposito de moveis**

—Rua de José Estevão—

MANUEL F. LEITÃO apronta com a maxima brevidade qualquer encomenda que diga respeito á sua arte.

**CAIXÕES FUNEBRES**

Tem um grande deposito d'elles, de todos os tamanhos, sempre forrados e prontos para qualquer hora a que forem procurados.

ELISIO FILINTO FEYO

**9 E 10**

**Phaeton**

No hotel **Cysne do Vouga** ha um para alugar. Quem o pretender pôde dirigir-se ao dito hotel ou á antiga cocheira do sr. Leite Ribeiro, proximo á alameda do Cojo.

**Contra a tosse**

**XAROPE PEITORAL DE JAMES**, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito: geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**XAROPE phelandrio composto de roza.**

**POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.**

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**Contra a debilidade**

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO**, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**HERPES E EMPIGENS**

Curam-se em poucos dias com o uso da **POMADA ANTI-HERPETICA** do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas. A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em lhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolturos das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**RIO DE JANEIRO**

**COLCHOARIA DO CORSARIO**

Rua d'Assemblicia — 106

E' prohibido sair freguez sem fazenda. A questão é de pintos á vista. Ser barateiro para arranjar dinheiro.

**SEMPRE TRIUMPHANTE!**

**AS MACHINAS DE COSTURA**

**COMPANHIA FABRIL SINGER**

Acabam de obter na Exposição Internacional de Saude, de Londres, a

**MEDALHA D'OURO**

**O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO**

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da **COMPANHIA SINGER** que se vendem a prestações de 500 réis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

**COMPANHIA FABRIL "SINGER,"**

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79—AVEIRO (Pegado a Caixa Economica)

**GENEBRA**

**SEM RIVAL**

**Tonica, hollandeza, da antiga fabrica de C. C. Moreira & C.ª**

PREMIADA NA ULTIMA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Consummó e acceitação geral em todo o paiz. Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia no Porto.

**JOÃO AUGUSTO DE SOUSA**

COM

**OFFICINA DE SERRALHERIA**

EM **AVEIRO**

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

**Rendimento certo sem emprego de dinheiro.**

QUEM se fornecer dos seguintes e sta belecimentos, recebe como brinde cédulas do Banco Cooperativo Commercial e por consequencia tambem receberá o dinheiro que dispender nas compras que fizer, por isso que o banco pagará opportunamente o valor integral das mesmas cedulas.

Mercearia dos srs. Gamellas & Filho, Praça do Commercio.

João Maria Ribeiro, com estabelecimento de serralheria e ferragens, rua Direita n.º 46, 48 e 50. Dá eguaes garantias a quem alugar os seus carros.

Tabacaria do sr. Joaquim de Sequeira Moreira, rua Direita.

**ARCHIVO**

DOS

**MUNICIPIOS PORTUGUEZES**

Sairá regularmente cada semana uma folha de 8 paginas, formato de quarto in-folio, em papel de luxo, nitidamente impressa.

A distribuição será feita pelo correio e bem assim a cobrança das assignaturas.

Preço: — Por mez ou 32 paginas, 800 réis.

As assignaturas não são pagas adiantadas mas sim quando termine o seu vencimento no fim de cada mez.

Todos os pedidos ao administrador da Nova Empreza Litteraria, Travessa do Convento de Jesus, 33—Lisboa.

**BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA**

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

**OS PREDESTINADOS**

POR

Henrique Perez Escrich

Acaba de sahir do prelo o 3.º volume. Preço de cada volume 500 réis. Para os srs. assignantes 450 réis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.